

MICROSCÓPIO

Várias causas concorreram para o golpe de Estado de 1937. E à imprensa cabe também uma parcela da responsabilidade.

O parlamento brasileiro, na república, nunca se caracterizou pela majestade. A sua influência minguava constantemente. A nossa última Câmara, apesar de haver saído de eleições limpas, não destoava grandemente das precedentes, pois fôra eleita depois de um longo período ditatorial, mas vinha cumprindo razoavelmente o seu papel, dentro das escasas possibilidades do regime.

Como se comportava a seu respeito a imprensa do País? Era hábito seu generalizado motejar, ridicularizar, desmoralizar o parlamento, na pessoa dos seus membros. Certo, tinha êle as suas mazelas, que todos se apaziam em desnudar, mas exercia também, apesar de tudo, um importante papel, uma missão tutelar, que ninguém parecia perceber, nem sequer suspeitar. Expunham-se os vícios à plena luz solar e escondiam-se, esqueciam-se os benefícios. Resultado: o sr. Getúlio Vargas encontrou preparado o ambiente para a supressão das instituições representativas e muita gente recebeu com alívio, senão com aplausos, o que imaginava ser apenas a extirpação de um cancro.

Cousa semelhante parece-me a mim estar percebendo agora. Ainda não nasceu a representação nacional, encontra-se ainda em obscura e incerta gestação, e já alguns órgãos da imprensa parecem apostados em desmoralizá-la, a pretexto de estarem surgindo certos políticos do passado ou estarem-se travando competições eleitorais.

Não sei o que move êstes jornalistas. Talvez sejam várias as causas. Nuns será o apêgo à ditadura expirante, em outros uma forma qualquer de extremismo anti-democrático, e em outros, ainda, simples preocupação de explorar um tema fácil e de boa aceitação. O certo é haver começado a obra de desmoralização do regime que ainda não nasceu. Como velho jornalista, talvez me não falte autoridade para chamar a atenção dos confrades para o grave perigo.

10.3.45 RAUL PILLA